

A NOVELLA SEMANAL



BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Anadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excelente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHÃ** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS - FEIRAS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionais são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoável remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancia se tiram por ahí dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequencias para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o accessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais attraente possível pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquelle: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apreçada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: polo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira serie de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população ledora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionais — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas o as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destaóará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periódicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reolame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositório de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito do tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos o acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados o estreates, eomtanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volumes, por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathetic.

OS EDITORES.

Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos oferecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remetido um exemplar, publicará — além disso nma noticia critica.

Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver pouto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogando a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumos para os examinar.

Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

Assignaturas

Anno	20\$000
Semestre	10\$000
Trimestre	5\$000
Numero avulso	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL - São Paulo, 23 de Maio de 1921

NUMERO 4

O HOMEM QUE SABIA
JAVANEZ — Lima
Barreto.

A ESCOLHA — Coelho
Netto.

SACRIFICIO — Carlos da
Fonseca.

ETERNIDADE do SONHO

SUMMARIO

— Octavio Silveira.
G. C. P. A. — Gastão
Cruls.

SUPPLEMENTO — A vida
anecdótica e pittoresca
dos grandes escriptores

Euclydes da Cunha.

Vida literaria - Um novel-
lista brasileiro do seculo
XVIII.

Os nossos poetas - O pri-
meiro soneto de Bilac.

O HOMEM QUE SABIA JAVANEZ

Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado ás convicções e ás respeitabilidades para poder viver.

Houve mesmo, uma dada occasião quando estive em Manaos, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que affluíam ao meu escriptorio de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

O meu amigo ouvia-me calado, embevecido, gostando daquelle meu Gil-Blas vivido, até que, em uma pausa da conversa, ao esgotarmos os copos observou a esmo:

— Tens levado uma vida bem engraçada, Castello!

— Só assim se pode viver... Isto de uma occupação unica: sahir de casa a certas horas, voltar a outras, aborrece, não achas? Não sei como me tenho aguentado lá no consulado!

— Cansa-se; mas, não é disso que me admiro. O que me admira, é que tenha corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocratico.

— Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar bellas paginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanez!

— Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?

— Não; antes. E, por signal, fui nomeado consul por isso.

— Conta lá como foi isso. Bebes mais cerveja?
— Bebo.

Mandámos buscar mais outra garrafa, enchemos os copos, e continuei:

— Eu tinha chegado havia pouco ao Rio e estava literalmente na miseria. Vivia fugido de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no *Jornal do Commercio* o annuncio seguinte:

«Precisa-se de um professor de lingua javaneza. Cartas, etc.»

Ora, disse cá commigo, está ahi uma collocação que não terá muitos concorrentes; se eu capisasse quatro palavras, ia apresentar-me. Sai do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanez, ganhando dinheiro, andando de bond e sem encontros desagradaveis com os *cadaveres*. Insensivelmente dirigi-me á Bibliotheca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapeo ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a *Grande Encyclopedica*, letra J., afim de consultar o artigo relativo a Java e á lingua javaneza. Dito e feito. Fiquei sabendo ao fim de alguns minutos que Java era uma grande ilha do archipelago de Sonda, colonia hollandeza, e o javanez, lingua agglutinante do grupo maléo-polynésico, possuía uma literatura digna de nota e escripta em caracteres derivados do velho alphabeto hindú.

A *Encyclopedie* dava-me indicação de trabalhos sobre a tal lingua malaia e não tive duvidas em consultar um delles. Copiei o alphabeto, a sua pronunçiação figurada e sai. Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras.

Na minha cabeça dançavam hieroglyphos; de quando em quando consultava as minhas notas; entrava nos jardins e escrevia estes calungas na areia para guardal-os bem na memoria e habituar a mão a eserevel-os.

À noite, quando pude entrar em casa sem ser visto, para evitar indiscretas perguntas ao encarregado, ainda continuei no quarto a engulir o meu *a b c* malaio, e, com tanto afinco levei o proposito que, de manhã, o sabia perfeitamente.

Convenci-me que aquella era a lingua mais facil do mundo e sai, mas não tão cedo que não me encontrasse com o encarregado dos alugueis dos commodos: «Sr. Castello, quando salda a sua conta?»

Respondi-lhe então eu, com a mais encantadora esperanza: «Breve... Espere um pouco... Tenha paciencia... Vou ser nomeado professor de javanez e...» Por ahi o homem interrompeu-me:

«Que diabo vem a ser isso, Sr. Castello?» Gostei da diversão e ataquei o patriotismo do homem: «E' uma lingua que se fala lá pelas bandas do Timôr. Sabe onde é?»

Oh! alma ingenua! O homem esqueceu-se da minha divida e disse-me com aquelle falar forte dos portuguezes: «Eu cá por mim, não sei bem: mas ouvi dizer que são umas terras que temos lá para os lados de Macáo. E o senhor sabe isso, Sr. Castello?»

Animado com esta sahida feliz que me deu o javanez, voltei a procurar o annuncio. Lá estava elle. Resolvi animosamente propôr-me ao professorado do idioma oceanico. Redigi a resposta, passei pelo *Jornal* e lá deixei a carta. Em seguida voltei á bibliotheca e continuei os meus estudos de javanez. Não fiz grandes progressos nesse dia, não sei se por julgar o alphabeto javanez o unico saber necessario a um professor de lingua malaia ou se por ter me empenhado mais na bibliographia e historia literaria do idioma que ia ensinar.

Ao cabo de dois dias, recebia eu uma carta para ir falar ao Dr. Manoel Feliciano Soares Albernaz, barão de Jacuecanga, á rua Conde de Bomfim, não me recordo bem que numero. E' preciso não te esqueceres que entrementes continuei estudando o meu malaio, isto é, o tal javanez. Alem do alphabeto, fiquei sabendo o nome de alguns autores, tambem perguntar e responder — *como*

esté o senhor? — e duas ou tres regras de grammatica, lastrado esse saber com vinte palavras do lexico.

Não imaginas as grandes difficuldades com que lutei, para arranjar os quatrocentos reis da viagem! E' mais facil — podes ficar certo — aprender o javanez... Fui a pé. Cheguei suadissimo; e, com maternal carinho, as annosas mangueiras, que se perfilavam em alameda diante da casa do titular, me-receberam, me acolheram e me reconfortaram. Em toda a minha vida, foi o unico momento em que cheguei a sentir a *sympathia* da natureza...

Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava mal tratada, mas não sei por que me veio pensar que nesse máo tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver annos que não era pintada. As paredes descascavam e os beirões do telhado, daquellas telhas vidradas de outros tempos, estavam desguarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou mal cuidadas.

Olhei um pouco o jardim e vi a pujança vingativa com que a tiririca e o carrapicho tinham expulsado os tinhorões e as begonias. Os crotons continuavam, porém, a viver com a sua folhagem de cores morticças. Bati. Custaram-me a abrir. Veiu, por fim, um antigo preto africano, cujas barbas e cabelo de algodão davam á sua phisionomia uma aguda impressão de velhice, doçura e soffrimento.

Na sala, havia uma galeria de retratos; arrogantes senhores de barba em collar se perfilavam enquadrados em immensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, em bandós, com grandes leques, pareciam querer subir aos ares, enfiadas pelos redondos vestidos á balão; mas, daquellas velhas coisas, sobre as quaes a poeira punha mais antiguidade e respeito, a que gostei mais de ver foi um bello jarrão de porcellana da China ou da India, como se diz. Aquella pureza de louça, a sua fragilidade, a ingenuidade do desenho e aquelle seu fosco brilho de luar, diziam-me a mim que aquelle objecto tinha sido feito por mãos de criança, a sonhar, para encanto dos olhos fatigados dos velhos desilludidos...

Esperei um instante o dono da casa. Tardou um pouco. Um tanto tropego, com o lenço de alcobaça na mão, tomando veneravelmente o simonte de antanho, foi cheio de respeito que o vi chegar. Tive vontade de ir-me embora. Mesmo se não fosse elle o discipulo, era sempre um crime mystificar aquelle ancião, cuja velhice trazia á tona

do meu pensamento alguma coisa de augusto, de sagrado. Hesitei, mas fiquei.

— Eu sou, avancei, o professor de javanez, que o senhor disse precisar.

— Sente-se, respondeu-me o velho. O senhor é daqui, do Rio ?

— Não, sou de Cannavieiras.

— Como ? fez elle. Fale um pouco alto, que sou surdo.

— Sou de Cannavieiras, na Bahia, insisti eu.

— Onde fez os seus estudos ?

— Em S. Salvador.

— E onde aprendeu javanez ? — indagou elle, com aquella teimosia peculiar aos velhos.

Não contava com essa pergunta, mas immediatamente architectei uma mentira. Contei-lhe que meu pae era javanez. Tripulante de um navio mercanté viera ter á Bahia, estabelecera-se nas proximidades de Cannavieiras como pescador, casára, prosperára e fôra com elle que aprendi javanez.

— E elle acreditou ? E o physico ? perguntou meu amigo, que até então me ouvira calado.

— Não sou, objectei, lá muito differente de um javanez. Estes meus cabellos corridos, duros e grossos e a minha pelle *basané* pódem dar-me muito bem o aspecto de um mestiço de malaio... Tu sabes bem que, entre nós, ha de tudo : indios, malaios, taitianos, malgaches, guanches, até godos. E' uma comparsaria de raças e typos de fazer inveja ao mundo inteiro.

— Bem, fez o meu amigo, continúa.

— O velho, emendei eu, ouviu-me attentamente, considerou demoradamente o meu physico, pareceu que me julgava de facto filho de malaio e perguntou-me com doçura :

— Então está disposto a ensinar-me javanez ?

A resposta saiu-me sem querer :

— Pois não.

— O senhor ha de ficar admirado, adduziu o barão de Jacuecanga, que eu nesta idade, ainda queira aprender qualquer coisa, mas...

— Não tenho que admirar. Têm-se visto exemplos e exemplos muito fecundos...

— O que eu quero, meu caro senhor... ?

— Castello, adiantei eu.

— O que eu quero, meu caro Sr. Castello, é cumprir um juramento de familia. Não sei se o senhor sabe que sou neto do conselheiro Albernaz, aquelle que acompanhou Pedro I, quando abdicou. Voltando de Londres, trouxe para aqui um livro, em lingua exquisita, a que tinha grande estimação. Fôra um hindú ou siamez que lh'o

dera, em Londres, em agradecimento a não sei que serviço prestado por meu avô. Ao morrer, meu avô chamou meu pae e lhe disse : «Filho, tenho este livro aqui, escripto em javanez. Disse-me quem m'o deu que elle evita desgraças e traz felicidades para quem o tem. Eu não sei nada ao certo. Em todo o caso, guarda-o ; mas se queres que o fado que me deitou o sabio oriental se cumpra, faze com que teu filho o entenda, para que sempre a nossa raça seja feliz.»

Meu pai, continuou o velho barão, não acreditou muito na historia ; comtudo, guardou o livro. Ás portas da morte, elle m'o deu e disse-me o que promettera ao Pai. Em começo, pouco caso fiz da historia do livro. Deitei-o a um canto e fabriquei minha vida. Cheguei até a esquecer-me delle : mas, de uns tempos a esta parte, tenho passado por tanto desgosto, tantas desgraças têm caído sobre a minha velhice que me lembrei do talisman da familia.

Tenho que o ler, que o comprehender, senão quero que os meus ultimos dias annunciem o desastre da minha posteridade ; e, para entendel-o, é claro, que preciso entender o javanez. Eis ahí.

Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, sobrinhos, só lhe réstando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, debil de corpo e de saude fragil e oscilante.

Veiu o livro. Era um velho calhamaço, um quarto antigo, encadernado em couro, impresso em grandes letras, em um papel amarellado e grosso. Faltava a folha do rosto e por isso não se podia ler a data da impressão. Tinha ainda umas paginas de prefacio, escriptas em inglez, onde li que se tratava das historias do principe Kurlanga, escriptor javanez de muito merito.

Logo informei disso o velho barão que não percebendo que eu tinha chegado ahí pelo inglez, ficou tendo em alta consideração o meu saber malaio. Estive ainda folheando o cartápacio, á laia de quem sabe magistralmente aquella especie de vasconço, até que afinal contratámos as condições de preço e de hora, compromettendo-me a fazer com que elle lesse o tal alfarrabio antes de um anno.

Dentro em pouco, dava a minha primeira lição mas o velho não foi tão dffigente quanto eu. Não conseguia aprender a distinguir e a escrever nem sequer quatro letras. Emfim, com metade do

alfabeto levámos um mez e o sr. Barão de Já-cuecanga não ficou lá muito senhor da materia ; aprendia e desaprendia.

A filha e o genro (penso que até ahí nada sabiam da historia do livro) vieram a ter noticias do estudo do velho ; não se incomodaram. Acharam graça e julgaram a coisa boa para distrair-o.

Mas com que tu vaes ficar assombrado, meu caro Castro, é com a admiração que o genro ficou tendo pelo professor de javanez. Que coisa unica ! Elle não se cansava de repetir : «E' um assombro ! Tão moço ! Se eu soubesse isso, ah ! onde estava ! »

O marido de D. Maria da Gloria (assim se chamava a filha do barão), era desembargador, homem relacionado e poderoso ; mas não se pejava em mostrar diante de todo o mundo a sua admiração pelo meu javanez. Por outro lado, o barão estava contentissimo. Ao fim de dois mezes, desistira da aprendizagem e pedira-me que lhe traduzisse, um dia sim outro não, um trecho do livro encantado. Bastava entendel-o, disse-me elle ; nada se oppunha que outrem o traduzisse e elle ouvisse. Assim evitava a fadiga do estudo e cumpria o encargo.

Sabes bem que até hoje nada sei de javanez, mas compuz umas historias bem tolas e impingias ao velhote como sendo do chronicon. Como elle ouvia aquellas bobagens ! . . .

Ficava estatico como se estivesse a ouvir palavras de um anjo. E eu crescia aos seus olhos !

Fez-me morar em sua casa, enchia-me de presentes, augmentava-me o ordenado. Passava, emfim, uma vida regalada.

Contribui muito para isso o facto de vir elle a receber uma herança de um seu parente esquecido que vivia em Portugal. O bom velho attribuiu a cousa ao meu javanez ; e eu estive quasi a crel-o também.

Fui perdendo os remorsos, mas, em todo o caso, sempre tive medo que me apparecesse pela frente alguém que soubesse o tal patuá malaio. E esse meu temor foi grande quando o doce barão me mandou com uma carta ao visconde de Carurú, para que me fizesse entrar na diplomacia. Fiz-lhe todas as objecções : a minha fealdade, a falta de elegancia, o meu aspecto tagalo. «Qual ! retrucava elle. Vá, menino ; V. sabe javanez ! » Fui. Mandou-me o visconde para a Secretaria dos Extranjeiros com diversas recommendações. Foi um successo.

O director chamou os chefes de secção : «Vejam só, um homem que sabe javanez — que portento ! »

Os chefes de secção levaram-me aos officiaes e amanuenses e houve um destes que me olhou mais com odio do que com inveja e admiração. E todos diziam : «Então sabe javanez ? E' difficil ? Não ha quem o saiba aqui ! »

O tal amanuense, que me olhou com odio, acudiu então : «E' verdade, mas eu sei canaque. O Sr. sabe ? » Disse-lhe que não e fui á presença do ministro.

A alta autoridade levantou-se, poz as mãos ás cadeiras, concertou o pincenez no nariz e perguntou : «Então sabe javanez ? » Respondi-lhe que sim ; e á sua pergunta onde o tinha aprendido, contei-lhe a historia do tal pae javanez. «Bem, disse-me o ministro, o Sr. não deve ir para a diplomacia ; o seu physico não se presta . . . O bom seria um consulado na Asia ou Oceania. Por ora não ha vaga, mas vou fazer uma reforma e o sr. entrará. De hoje em diante, porém, fica addido ao meu ministerio e quero que, para o anno, parta para Bale, onde vae representar o Brasil no Congresso de Linguistica. Estude, leia o Hovelacque, o Max Muller, e outros ! »

Imagina tu que eu até ahí nada sabia de javanez mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sabios.

O velho barão veio a morrer, passou o livro ao genro para que o fizesse chegar ao neto, quando tivesse a idade conveniente e fez-me uma deixa no testamento.

Puz-me com afan no estudo das linguas maléo-polynesicas ; mas não havia meio !

Bem jantado, bem vestido, bem dormido, não tinha energia necessaria para fazer entrar na cachola aquellas coisas exquisitas. Comprei livros, assignei revistas : *Revue Anthropologique et Linguistique*, *Proceedings of the English, Oceanic Association*, *Archivi Glottologico Italiano*, o diabo, mas nada ! E a minha fama crescia. Na rua ós informados apontavam-me, dizendo aos outros : «Lá vae o sujeito que sabe javanez». Nas livrarias os grammaticos consultavam-me sobre a collocação dos pronomes no tal jargão das ilhas de Sonda. Recebia cartas dos eruditos do interior, os jornaes citavam o meu saber e recusei aceitar uma turma de alumnos sequiosos de entenderem o tal javanez. A convite da redacção, escrevi, no *Jornal do Commercio*, um artigo de quatro columnas sobre a literatura javaneza antiga e moderna . . .

— Como, se tu nada sabias ? interrompeu-me o attento Castro.

— Muito simplesmente: primeiramente, descrevi a ilha de Java, com o auxilio de dictionarios e

umas poucas de geographias, e depois citei a mais não poder.

— E nunca duvidaram ? perguntou-me ainda o meu amigo.

— Nunca. Isto é, uma vez quasi fico perdido. A policia prendeu um sujeito, um marujo, um typo bronzeado que só falava uma lingua exquisita. Chamaram diversos interpretes, ninguem o entendia. Fui tambem chamado, com todos os respeitos que a minha sabedoria merecia, naturalmente. Demorei-me em ir, mas fui afinal. O homem já estava solto, graças á intervenção do consul hollandez, a quem elle se fez comprehender com meia duzia de palavras hollandezas. E o tal marujo era javanez — uff !

Chegou, enfim, a epoca do Congresso, e lá fui para a Europa. Que delicia ! Assisti á inauguração e ás sessões preparatorias. Inscreveram-me na secção de tupy-guarany e eu abalei para Paris. Antes, porém, fiz publicar no *Mensageiro de Bale* o meu retrato, notas biographicas e bibliographicas. Quando voltei, o presidente pediu-me desculpas por me ter dado aquella secção ; não conhecia os meus trabalhos e julgára que, por ser eu americano brasileiro, me estava naturalmente indicada a secção do tupy-guarany. Aceitei as explicações e até hoje não pude escrever as minhas obras sobre o javanez, para lhe mandar conforme prometti.

Acabado o Congresso, fiz publicar extractos do artigo do *Mensageiro de Bale*, em Berlim, em Turim e Paris, onde os leitores das minhas obras me offereceram um banquete, presidido pelo senador Gorôt. Custou-me toda essa brincadeira, inclusivé o banquete que me foi offerecido, cerca de dez mil francos, quasi toda a herança do credulo e bom barão de Jacuecanga.

Não perdi meu tempo nem meu dinheiro. Passei a ser uma gloria nacional e, ao saltar no cães Pharoux, recebi uma ovação de todas as classes sociaes e o presidente da Republica, dias depois, convidava-me para almoçar em sua companhia.

Dentro de seis mezes fui despachado consul em Havana, onde estive seis annos e para onde voltarei, afim de aperfeiçoar os meus estudos das linguas da Malaia, Melanesia e Polynesia.

— É fantastico, observou Castro, agarrando o copo de cerveja.

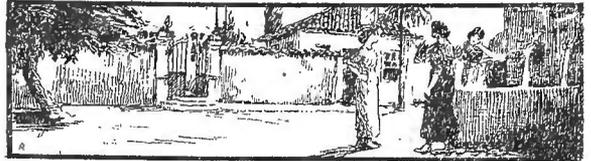
— Olha : se não fosse estar contente, sabes que ia ser ?

— Que ?

— Bacteriologista eminente. Vamos ?

— Vamos.

LIMA BARRETO



A ESCOLHA

A PAULO BARRETO

Todas as tardes, de uma d'aquellas cabanas, com um alto lamento que chegava ao ceu, sempre azul e dóirado, sahia um corpo para o eterno repouso, entre altos sycomoros de basta folhagem e finos cyprestes altos que, ao livido clarão do luar, tomavam o aspecto lugubré de enormes pegureiros, com os agudos capuzes sobre a cabeça, immoveis, guardando os sepulcros brancos, que alvejavam como um quieto rebanho espalhado entre flores.

Debalde os altares rusticos cobriam-se de offrendas que o fogo lento dos sacrificios consumia ; debalde os homens santos, que viviam nas cavernas, clamavam prostrados, com a rude face na terra morna, os deuses barbaros e o Deus meigo dos eremitas pareciam desattentos ás vozes que subiam da terra em grita lamentosa, aos canticos, ás murmuradas preces. A morte continuava a ferir sem pena a pobre gente.

Dizia-se que um anjo negro, armado de gladio, tendo escolhido a sua victima, arremessava-se d'alto sobre ella, como um abutre sobre a presa, feria e remontava ás nuvens, desapparecendo até á tarde seguinte quando, de novo, pairava, adejava e precipitava-se violento.

Ora, em uma d'aquellas cabanas, vivia Ayiché, pobre mulher, cujo esposo partira, com um carregamento de balsamo, para os lados do mar deixando-a a cuidar do campo, que era farto e de dois filhinhos, que eram lindos.

Ayiché, na sua pobreza, quando, á sombra de uma das grandes figueiras, em torno das quaes enxameavam abelhas, dava o peito ao pequenito vendo correr, a rir, o mais velho, considerava-se tão venturosa que não trocaria a sua vida de porfiado trabalho pela da princeza mais rica.

Ayiché fôra bella, ainda os seus grandes olhos negros conservavam o esplendor do tempo em que, entre as donzellas da aldeia, uma amphora ao hombro, a tunica fluctuando, descia á fonte ou, graciosamente coroada de flores, com os braços enrodilhados em braceletes de prata, um veu airoso desfraldado ao vento, leve, languida sorrindo, volteava nas danças como uma fina libellula esvoaçando á flor das aguas limpidas.

Virtuosa, desde que o seu esposo partira, nunca mais homem algum cruzára o solar da sua porta, nem mesmo os marabutos santos que abençoam os lares; e, todas as tardes, á hora em que o sol morre, com o pequenito nos braços e o mais velho agarrado aos seus vestidos, ficava, um momento, a olhar saudosamente o horizonte, para as bandas do oceano, á espera de ver surgir a caravana em que devia chegar alegre, com o ginete a reluzir de suor e a bolsa pesada de ouro, o seu esposo esbelto, senhor da sua alma e do seu corpo.

Uma tarde, justamente ella alongava os olhos pelo vasto deserto, sempre com os dois filhos — um ao collo, outro pela mão — quando uma sombra fria escureceu gelidamente a cabana e uma voz sinistra falou:

«Ayiché, mulher de Abdul, filha de Ahmed, caçador de leões, amanhã á hora em que a lua subir no ceu e as aves escuras da noite soltarem-se no espaço, a Morte passará pela tua cabana em busca do seu tributo. Tens dois filhos — escolhe um d'elles e deixa-o ficar sob a figueira da tua porta.»

E clareou de novo, e de novo aqueceu.

Ayiché ficou como petrificada e, tanto apertou ao collo o pequenito, que a creança abriu num pranto e o outro, de medo poz-se tambem a chorar. Ayiché recolheu-se, sempre a ouvir as roucas palavras de sentença cruel, accendeu a candeia, adormeceu os filhos e, ajoelhada entre os dois berços, d'olhos muito abertos, ficou-se immovel, fazendo a escolha.

Olhava o mais velho. Coma era lindo a dormir! Os cachos dos seu cabellos negros rolavam-lhe pelo rosto moreno como as ramas floridas pelo frontão de um templo.

O pequenito rechonchudo sonhava e sorria, com duas covinhas nas faces.

A misera sentia a noite correr... Nunca as horas lhe pareceram tão ligeiras. Já os passaros cantavam nas arvores e os rebanhos saudavam a alvorada nos campos... e Ayiché ouvia sempre as palavras fataes.

Não teve animo de ir á lavoura, não se desprendeou dos filhos, olhando-os, ora um, ora outro.

«Que vá o pequenito... Ainda não anda, ainda não fala...» Mas o pequenito, como se advinhasse o seu pensamento, estendeu-lhe os bracinhos gordos, sorrindo e tartareando e a infeliz, em soluços, tomou-o ao collo, deu-lhe o peito cheio e, enquanto elle mamava, sob o seu olhar lacrimoso, ella exclamou desesperada:

“Este não! Este é mais agarrado a mim. O outro anda lá fóra... Passa minutos longe de meus olhos...”

A voz do mais velho chamou-a:

“Mamãe!”

O coração de Ayiché esbarrou contra o peito, as lagrimas saltaram-lhe dos olhos e, estranguladamente, desesperadamente a coitada bradou entre os dois amores:

“Meu Deus! Que vos fiz eu para que assim me castigueis com tamanho rigor! Como quereis que eu escolha onde não ha que escolher? Como quereis que eu divida o coração, Senhor Deus?! E’ a mim que propondes tal supplicio, a mim que nunca vos esqueci, que sempre vos venerarei?”

Porque não fizestes em silencio o vosso mister, anjo da Morte? Eu choraria sobre o cadaver, cobri-o-ia de flores, abriria o seu tumulto entre rosaes, mas não soffreria tanto como soffro. Que vos fiz eu, senhor Deus!?”

Os pequenitos brincavam á sombra cheirosa das arvores e o dia escoava-se.

A’ tarde Ayiché sahiu a olhar o horizonte: deserto, nem sombra de caravana. Se elle, ao menos, chegasse...!

Mas as cigarras cantavam, o sol transpunha o ceu, rente das areias longinquas, abrazando as dunas e os palmares.

Silvavam rispídos os trissos dos morcegos, os chacaes uivavam e a primeira estrella luziu.

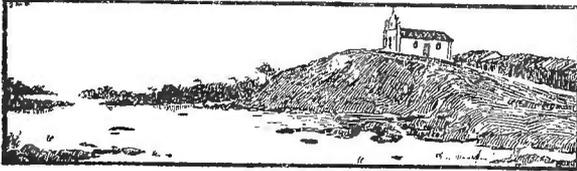
Era a hora em que as creanças costumavam dormir.

O mais velho abraçou-a, beijou-a e subiu para o seu berço de palha, o mais novo estendeu-lhe os bracinhos e, tanto que ella o tomou, logo, avidamente, collou a boquinha ao peito e adormeceu. Deitou-o e, ajoelhada entre os berços, quedou-se contemplando os filhos.

Um raio de lua entrou pela cabana escura e quieta — era a hora.

Ergueu-se allucinada — curvou-se, estendeu os braços a um berço, a outro. As estryges chirriavam.

Vacillou; mas, rapida, cobrindo-se com o manto, ainda beijou os filhos, ainda os molhou de lagrimas e, lenta, em passos arrastados, voltando-se de quando em quando, sahiu, desceu o degrau de pedra e, tremendo, bastendo os dentes, arrepiada de medo, os olhos voltados para a cabana, sentou-se sob a figueira.



SACRIFICIO

Passo de um manuscrito achado

I

Por uma série de factos imprevistos e ensartados, por um concurso de circumstancias especiais, eu, derreado pela anemia, com os nervos impertinentes, aceitando tudo como o melhor possível, á força de ver tudo mau e de aborrecer a todos, me fui encontrar professor público do logarejo.

Algumas dezenas de casas disseminadas, onde algumas suportáveis; pequena igreja de paredes sem reboco e húmidas, com o seu sino, o único e petulante que o preto Vicente, na função de *puxador da reza*, vinha badalar, com a convicção e o empenho que nascem do fanatismo; algumas lojas; o casarão grotesco e baroco que abrigava um batalhão de aparatosa e inútil guarda á fronteira, com as suas rötulas uniformes e equídistantes; uma dúzia de burguezes aperaltados, com pretensões a "podres de chique"; acrescentem-se alguns *capanemas*, giria local, bons cavaleiros, guapos e ginetes, ostentando arreios com profusão de prata, e tei-se-há uma idea do ambiente, onde o guante irónico e feroz do meu destino me alibambara.

Recentemente chegára; de pouco abrira mão da vida contemplativa e errante que levava naquella serra que ora meus olhos, amarados pela saudade, buscavam longe, esfumados no horizonte e onde me corriam os dias dispartidos a carregar troncos para levantar a trincheira da roça, ao lado do arrife ou a marombar, em lances de acrobata, sobre a coivara para colher milho.

Não se pode imaginar um viver mais charramente burguez: despertar ás cinco; banho frio, se mo permitia a lassidão morbida que acompanhava o anémico; café; aula de duas horas a meninos que já tinham o curso integro da mandriice; sueto ao meio dia; lição das duas ás quatro e jantar ás seis.

A' noite, após uma palestra frivola e insípida ao pé de algum balcão, vinha para casa, acendia a vela e estirava-me na rêde a ler jornais serodios, inçadós de mofinas, de agressões pessoas

e directas, verdadeiros abminários, a reçumar epitetos de bordel, a cujo lado subornado, venal, peculatório e que taes seriam honrosos. Com vagar beatificamente, o somno subtil acercava-se e chumbava-me as pálpebras. Isto nem sempre: havia occasiões em que esse "bálsamo dos espiritos", como lhe chamou Musset, dava tempo a que me salteasse uma recordação triste que desfechava em uma lágrima importuna. Díficil sciência é essa que, adargando-nos para a vida objectiva, nos faz *homens de nosso tempo!*

Ai de mim! Para a indiscrição, transeunte ficava-me apenas um frágil paládio: a consciência do meu desvalor e, — singular! — um orgulho indómito dela resultante.

Alimentava-me desse orgulho e dele háuria forças.

Para diante, um quê, interessante, a contrastar com a insulsez dessa vida monócrosma, veio postar-se na senda por onde eu me arrastava cobardemente, como entregue a uma destruição de mim mesmo, abdicando de minhas preferencias e naturais pendores, desenganado, acolhendo tudo como o melhor possível, a dizer, num travoso sorriso de piedosa indulgência:

— Podia ser peor...

Para ir da escola ao alojamento, pouco menos que pobre, onde, entre quadro paredes, eu me desforrava dos dissabores e do tédio que tragava lá fora, passava pela frente de certa casa, cujas portas e janellas via de hábito fechadas. Uma só janela aberta abria também, para mim, uma generosa excepção. Nella residiu por algum tempo o objecto de uma preocupação que nutri, piegas, tolamente vulgar, trazendo comtudo o pico do vário e da novidade.

Se eu saía, fechava a porta e corria o ferrolho com uma estouvice acinte, com estrondo adrede provocado; e, assim me via na rua, levava os olhos á janella, que já por esse tempo encaixilhava um determinado busto. Bonito? Talvez... Louro; suporte de uma coma farta, ondada, de um fulvo tostado, coroando um rosto de feições simpáticas: branco amarinado, servido por um jogo de olhos sombrios, esquivos, quasi tempestuosos.

Passava, sem lhe dispensar mais que o olhar momentaneo que acompanha o cumprimento que é uma das injunções de urbanidade em terras pequenas. Na primeira esquina voltava-me, num furtivo relance, e verificava en vaidado que a dona dos olhos celebrados continuava impassivel na sua

moldura, mandando depós mim o olhar, fito porém frio, olhar que nada prometia.

Lá se me occasionou aberta para falar aos vizinhos: pediram-me que entrasse para que me recomendassem um menino da casa que ia ser mandado á matricula. Vimo-nos então, soubemos reciprocamente de nossos nomes, entretivemos uma pontazinha de ligeira palestra e a vir dai... amámo-nos? não sei. Esse *amor*, coisa que se me afigura abstruso hoje, amanhã metafísico, depois impenetravel, não tenta a minha análise.

Demais, lembra-me que — “não vá o sapateiro...”, etc. Que nos gostámos, sim, assevero-o. Gosto com veras do verbo gostar. Tolerem-me e perdoem-me o enxabido equívoco.

Sem que nos entendessemos por palavras fomos nos deixando levar ao léo de acaso, comodamente, sem protestos, para esse “rio claro das delicias”. Encontros casuaes e frequentes em caçalejos de sociedade diminuta; esboços de sorrisos sublinhavam o dantes seco e circumspecto cumprimento; casualidades entraram em franca conjura: ora ia eu perguntar pelo novo discipulo que, doente, não fôra á escola; ora portava em procura de um amigo, de visita na casa.

De uma occasião veio ela própria, “a dos olhos”, receber-me. Na sala parecia arder uma caçoila: rosas de forte viço e intenso aroma pendiam das bordas de um vaso. Afavel, sorrindo, tomou-me o chapéu e para a irmãzinha:

— Vai dizer á Mamã que F... está aqui.

Um frémito de agradável surpresa vibrou-me os nervos. Não contava que as cousas assim se precipitassem tão imprevisas.

Conformei-me, com um amplo sorriso de incondicional aprovação, e puz nos olhos a expressão de um subito penhor pela concessão magnânima.

Dei as boas vindas ao tu, como já as dera aos olhares e sorrisos. Permitti-me o pensar em objectos mais suaves e seductores que esses de que se apascia a minha imaginação.

Mas... como ficou dito em começo, eu era mestre-escola, por uma centena de mil réis que o poder publico me mandava, mediante formalidades interminas e abates iniquos. Que! eu que estaria talvez áquella hora vergado á enxada, arancando á leiva o necessario para viver com parcimonia, passar a perceber honorários prefixados por lei, a gosar da consideração imanente a esse cargo? Venhamos na bizzarria dos que podem...

Era mestre-escola sério, acadimado ao trabalho, cangueiro nos deveres, ensinando com honesto empenho o *a-b-c*, não obstante a mocidade, o mau sestro da literatura e a fantasia mui, muita.

Na casa vizinha dignaram-se tomar informações sobre mim, respeito o meu procedimento. Colheram-nas cabaes, pelo menos indulgentes: eu era bom, ridiculamente bom. Convidaram-me, portanto, a dar lições particulares... a quem? A' quella mesma que, dias antes, me fizera a tácita e generosa proposta de nos atuarmos; áquella para quem eu, ameigando e compondo as maneiras canhestras denunciadoras de acanho e timidez, criara uma excepção aos meus habitos de semicurso.

Doloroso arrepio transiu-me; esbatia-se a minha ideal e rósea nuvem; esvanecia-se o meu oasis e se me antolhava outra vez o areal que mata a esperança. Essa confiança tolhia-me: era um grilhão.

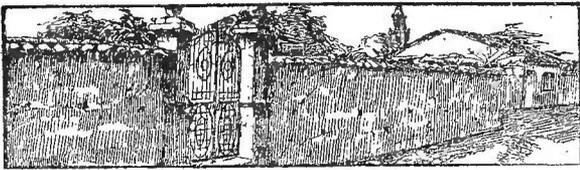
Estava a ouvir:

— Porta-te curialmente! Afivela a máscara da frieza! Podia, como num caso mais que trivial, tomar a ocasião como ela se me oferecia e simular que extinguiu a pyra alimentando-a sobcapa; porém não: quis ser original. Quão cara me ia custar a originalidade!

Demais, eu precisava e mais alguns sobejos me eram atirados... Trabalho, poleá: repara as distancias e esquece-te de que tens coração. Fui iniciar as lições. Recepção requintadamente cavalheiresca: a dona da casa, senhora de princípios rígidos e austeros, com a gravidade de uma castelã medieva, assistiu á lição reclinada em velha poltrona. Para me retirar estendi á discipula a mão que me tremia e toquei uns dedos que se abandonavam gelados entre os meus.

Os olhos? fitavam o soalho, para onde tambem os meus se obstinavam em ir; o sorriso? sumira-se-nos; o *tu*? esqueçemol-o... Ali apenas estavam discipula modelar e professor compenetrado de que o era. Pela primeira vez não voltei á esquina. A meus ouvidos uma voz dolente, acúsmata remotissima, cantava em língua maviosa, essencialmente musical, estes versos:

.....
 “Contempleró taciendo,
 “Taciendo t'ameró”



ETERNIDADE DO SONHO

Na populosa Pekin vivia Yu-Thsin, o mais desprezado filho do Celeste Imperio.

Puxava carreta, carregava fardos, tudo fazia para merecer o appetecivel prato de arroz. Fazia mais: alimentava um vicio, o vicio de todo bom chinez, a opiomania.

De dia, arrastava o corpo magro pelas ruas de Pekin, fazendo esvoaçar o seu rabicho esguio, tendo apenas momentos de folga para, com dois pausinhos, agilmente, saborear o seu arroz feito em pelotas. A' noite sorrateiramente, como um criminoso, penetrava numa baiuca sordida, pedia um cachimbo d'opio, refestelava-se num canto e fumava. O sonho começava a esboçar-se... A cabeça ia ficando pesada, até que, completamente embriagado, cahia no lagedo frio. Então a visã do sonho apparecia-lhe nitida.

O tecto pobre transformava-se num delicioso pedaço de céu, onde Yu-Thsin, rodeado das mais bellas patricios, era abanado com leques enormes, deliciado com musica acariciadora... Seguia-se um bailado envolta delle... Depois mudava-se o scenario.

Yu-Thsin tomava uma carruagem, como um mandarim feliz, e ia visitar os seus dominios. Passava por vastos campos de cultura de arroz e chá.

Verdes amoreiras indicavam criações dos operosos bichos da seda.

Tudo pertencia ao feliz sonhador.

De manhã, oh decepção! o pobre opiomaniaco era acordado a pontapé pelo amavel dono da baiuca. Yu-Thsin despertava em sobresalto. Erguia a mão ao céu, estremunhado, como quem apanha alguma cousa fugitiva. Pagava e, tropego, lá se ia cambaleando tomar conta dos seus dominios, isto é atrelar-se ao carrinho como alimaria réles.

Bello despertar!

Assim vivia Yu-Thsin, assim continuaria a viver, si Budha não se compadecesse delle. Foi um acaso.

Na rua, Yu-Thsin, com um sangue frio de verdadeiro heróe salvára um homem que ia ser victima dum atropello de carruagem. Era o Dr.

Sung-ti, o mais afamado sabio de todo o Imperio. O Dr. Sung-ti, reconhecido, conduz para a casa o seu salvador. Faz mais: promette a fé do valor de toda a sua sciencia que havia de realizar um desejo de Yu-Thsin.

O já feliz Yu, ao ser consultado, cæe aos pés do sabio, beija as suas veneraveis plantas e faz o seu pedido. Queria elle que o primeiro sabio da Flôr do Meio lhe preparasse um sonho... eterno.

Disse que da vida nada desejava.

Como bom budhista desprezava o mundo, anhelava pelo *Nirvana*.

Mas como gostava do opio, do opio que faz sonhar, Yu-Thsin pedia com os seus humidos olli-nhos obliquos que o grande sabio desse-lhe tanto opio quanto fosse preciso para elle, morto, viajar para o paiz do Nada, sonhando!

O Dr. Sung-ti, que o ouvia attento, coçou o nariz com gravidade, signal evidente de grande preocupação. Achava o problema originalissimo. E considerando o esfarrapado Yu deu razão ao asserto dum philosopho: — todo sabio tem o que aprender com a ignorante gente do povo.

Depois, num largo gesto, fez levantar o submisso Yu, dizendo:

“Descança Yu-Thsin, teu desejo será cumprido. E's moço. Espera dez annos e poderás sonhar eternamente.”

Cumpriria a palavra o sabio?

Seria crível que um processo de embalsamamento *sui generis* conservasse o cerebro perfeito para sonhar? Oh! que maravilha, fechar a vida num sonho bom, não conhecer dôres, não ter noção do tempo, encerrada a gente num caixão d'aço e sonhar, sonhar, onde quer que seja, na terra, como no fundo do mar.

O Dr. Sung-ti era um sabio ás direitas. Não perdeu tempo: encerrou-se nos seus vastos laboratorios e ninguem mais soube de sua vida. A visinhança do sabio assustava-se de que, uma vez por outra, entrasse, escoltado, um criminoso chinez. Que iria fazer alli o triste condemnado? Explicava-se.

O illustre sabio, na qualidade de medico de S. M. o Imperador, gosava das graças imperiaes e, em beneficio da sciencia, rogava um ou outro condemnado ao supplicio, para as suas famosas experiencias.

Passaram-se annos. O sabio envelhecia. Yu-Thsin já estava cansado de esperar quando, um dia, foi chamado. Foi pulando e saccudindo freneticamente o rabicho.

O sabio tinha descoberto o segredo da con-

servação do cerebro valendo-se de velhos manuscritos da sciencia hindú. O felicissimo Yu entregára-se de corpo e alma. Soffreu a preciosa injeção de opio. Concentrou os seus melhores sonhos. Passou por innumerous processos de embalsamamento. Ia mirrando, mirrando, até tornar-se uma perfeita mumia. E mumia de nossa especie, mumia que sonhava.

Como? Quem poderia affiançal-o?

O Dr. Sung-ti não se deixava caminhar ás apalpadelas. Para verificar tão grande descoberta valeu-se de sua especialidade. Tinha profundos conhecimentos do magnetismo. As suas sessões de magnetisação assombravam. Assim, quando ia fazendo a arriscada operação, o sabio communicava-se com o operado por intermedio dum paciente em estado de somnambulismo. Nada mais natural.

A mumia sonhava, estava alli para comproval-o o secretario do sabio — o narrador do sonho de Yu-Tsin!

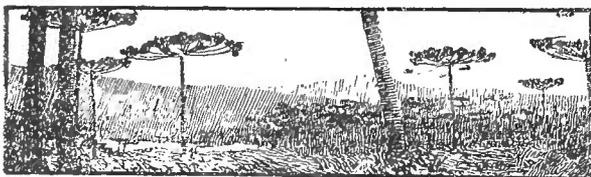
Era completo o triumpho do afamado glorioso sabio chinez.

Mas o velho Dr. Sung-ti não sobreviveu por muito tempo á sua descoberta. Agraciado pelo Imperador, cumulado de commendas de todas as ordens, num sorriso seraphico, fechou os olhos, prelibando as delicias inegalaveis do descanso eterno do Nada, sem sonhos. . .

Guardára egoisticamente o seu segredo.

E lá no Imperio da Flôr do Meio, depositado numa ermida, onde é venerado como um santo, Yu-Tsin, mirrado, ennegrecido, feio — continúa a sonhar o seductor sonho do opio e sonhará, sonhará, enquanto durar a ermida dos Crentes de Budha, enquanto durar a terra!

OCTAVIO SILVEIRA



G . C . P . A .

Science, sans conscience, est la ruine de l'ame.

RABELAIS

A gente não se cura, mas fica bem informada de que morreu.

AFRANIO PEIXOTO

Ás terças e sextas o professor deixava a cabeceira dos doentes, e apageado por um alvo sequito de assistentes e internos, vinha para um

pequeno amphitheatro fazer lições mais cuidadas sobre os casos occorridos no Serviço. O mestre reservava para essas prelecções os individuos portadores de molestias raras ou mal definidas, sobre os quaes lhe fosse facil basofiar erudição, calcando diagnosticos rebuscados á symptomatologia falla e controversa. Hypotheses mirabolantes e ousadas desforravam-n'o das ignorancias da sciencia, eternamente emperrada ante os caprichos da natureza sempre mysteriosa.

Attentos, alguns de lapis em punho, nos bancos dispostos em semicirculo se acotovellavam os discipulos, frementes por ouvir a palavra autorizada do mestre sobre a causa do implacavel mal que prendera no leito, ia para mais de um mez, a figura tão popular entre elles do Sylvino, o proprio enfermeiro da Clinica.

De olhos vivos e miudinhos a rebrilharem irrequietos sob os oculos de largos vidros enfumacados, o professor Rodrigues, empavonado uo seu luzente avental de linho branco, atinha-se junto ao carro leito, anediando preguiçosamente a barba em ponta, já prestes a branquear, enquanto um dos internos, alvo de todos os olhares, typo franzino e cuspinhento de cabellos empastados sobre a testa, lia com voz aspera e nasalada a observação minuciosa do caso.

Immovel entre as almofadas que lhe chumaçavam o corpo ossoso, uma baetilha enrodilhada ás pernas, Sylvino, de sua maca, igualmente não o desfitava, enleado na descripção das varias phases do mal que tão traiçoeiramente o acommettera. E diante do seu rosto baço e encovado, em que os olhos garços e suaves entravam a desluzir orlados de roxo, bem poucos reconheceriam o Sylvino de outros tempos, de face sempre aberta, o olhar fulgente, um riso á flor dos labios.

Afeito ao trabalho, diligente nos seus multiplos encargos, o doente que alli estava illustrando a lição, era o mesmo enfermeiro que ainda pouco tempo antes, quando por manhãzinha chegavam ao hospital os primeiros internos, já se achiava de tarefa concluida, disposto a auxiliar-os, cheio de deleite e ufania, nas mais delicadas pesquisas de laboratorio. E tal o garbo de seu porte e maneira irrepreensivel de trazer o avental, que, se não fôra a emblematica cruz bordada a um dos cantos do peito, bem poucos o separariam dentre a estudandada quando em commum passavam a manipular reactivos e corantes. De igual modo, doente que lhe fosse confiado teria a mais abnegada e vigilante das assistencias, recebendo á hora exacta a sua colher de medicamento, e as mat-

chas do pulso e da temperatura ficando consignadas na papeleta. E assim, quer porque a sua intelligencia em tudo encontrasse campo á dístacção, quer porque os seus predicados lhe grangeassem junto dos estudantes um atmosphera de intimidade e sympathia — elle a pouco e pouco se foi avezando ás agruras daquella profissão, já não experimentando mais a repugnancia da vida entre os doentes, que tão mal o impressionara em começo.

Sentindo-se agora motivo de tanta curiosidade, o seu corpo transformado em material de estudo como o de muitos outros que elle mesmo, indifferentemente, para ali conduzira, Sylvino tinha o peito oppresso, num temor vago e affligente; e o arrependimento de não haver obedecido ao seu primeiro impeto, abandonando o hospital logo no inicio da doença, voltava a preoccupal-o. A illimitada confiança na bondade dos mestres, de que elle só então começava a duvidar, e o receio de novamente aggravar a vida difficultuosa e attribulada de um cunhado, que já tão generoso agasalho lhe dera desde a sua chegada da roça até o instante em que se vira collocado, fizeram Sylvino sopitar o primeiro impulso, convencendo-o do quanto seria insensato deixar o hospital no momento em que delle mais carecia, e quando os estranhos e necessitados lhe vinham bater ás portas.

Tambem o mal fora tão proditorio, tão de manso e sorrateiramente se installara . . . Ao começo, e durante muitos dias, uma simples sensação de fadiga, mal estar indefinivel, acompanhado de dores vagas e erraticas pelo dorso e membros. Qualquer cousa demulcia-lhe os musculos, outr'ora rijos, quebrantando-lhe as forças. Dir-se-hiam a molleza e o entorpecimento que se sentem em seguida a uma longa caminhada. Mas ainda assim, tudo isso era muito vago, só se accentuando para a tarde, o que fazia crer num natural cansaço após as suas laboriosas matinadas junto aos doentes, embora até então, por muita robustez e juventude, jamais experimentasse provas de esmoecimento. Por fim, já em vespuras de acamar, supplicia-v-o uma sonnolencia irrefreavel; a cabeça ôca e torvelinhante exigia-lhe socego a cada passo e, se acaso repousava nalgum canto, era para logo cahir acarrado em profunda modôrra. Elle mesmo chegara a se espantar das manifestações extranhas e, por vezes, palestrando com companheiros em ar de troça, zombeteara da lombeira que agora o perseguia, derrengando-o ao menor esforço.

Como, porém, longe de esmaecer, mais e mais

se exarcebasse o mal, dores agudas e frequentes acutilando-lhe as ilhargas, maior ainda a debilitação, e elle já amanhecesse esfadigado, sem animo para nada, as pernas tropegas e bambeantes como se lhes pesassem algemas — Sylvino resolveu falar a um dos assistentes, vexado ainda por confessar fraquezas que tudo iam ferir o seu animo de rapaz até então forte e disposto.

— Que não ligasse áquillo e fosse usando de um tonico ás refeições dissera-lhe o assistente, de vistas já voltadas para um novo entrado, que gemicava arfando numa cama proxima, e pelos modos parecia ser um caso interessante e digno de estudo.

Terminada a leitura da observação, o professor Rodrigues, seguido de dous discipulos, passou a um rapido exame do doente, percutindo-lhe e auscultando-lhe o thorax. Sylvino, já desembaraçado da camisa e soffrendo a respiração, submettia-se impassivel a mais aquellas provas, os braços encruzados sobre o peito magro e avellado em que as clavículas espipavam, ameaçando perfurar a pelle.

— Quasi nada nos revelará este exame — disse o professor Rodrigues, descolando-lhe o ouvido do thorax, e dirigindo-se para a assistencia, que o acompanhava das archibandadas — a nossa attenção já tendo sido solicitada para a região renal, ponto em que o doente localisa, com muita precisão, as terebrantes crises que tanto o martirizam. Não bastassem essas dores e já um outro symptoma — essencial no quadro morbido — nos forçaria o interesse para a mesma região. Quero referir-me á profunda asthenia de que se queixa o paciente, e que, installando-se gradativamente, veio do cansaço inicial e quasi imperceptivel, tão bem descripto pelo interno Castro na observação que vos acaba de ser lida, até o estado de fadiga extrema e lassidão profunda em que o encontramos hoje. Como sabeis, este symptoma é pathognomonic da insufficiencia das capsulas supra-renaes e faz parte, ao lado de outros que passaremos a assignalar, e existentes tambem no nosso caso, de um conjuncto clinico tão admiravelmente descripto por um autor inglez, que até hoje lhe conserva o nome: a syndrome de Addison.

Esmiuçando o quadro clinico, o professor Rodrigues, depois de apontar outros symptomas de menor relevancia, salientou, com pormenores descriptivos, as manchas que matizavam, sob tonalidades varias, certos pontos do tegumento do doente, encontrando ahi ensanchas para muitas considerações sobre as desordens da pigmentação cuta-

nea. Em seguida, ordenando a Sylvino que abrisse a bocca, e repuxando-lhe fortemente os labios, elle fez ver que a dyschromia se estendia tambem ás mucosas, em pequenas maculas de côr fuliginosa, perfeitamente iguaes ás que se encontram na cavidade buccal dos cães heraldicos e lhes servem de garantia á filiação.

Depois de se referir com brevidade a algumas perturbações para o lado dosapparelhos circulatorio e nervoso, sobre as quaes elle se não deteria, pois que o interno Castro já as havia analysado convenientemente ao relatar a observação que lhe iria enriquecer a these, o professor passou á tarefa mais curiosa e delicada de senhorear a causa da affecção, mal encobrendo sob o brilho flammejante do olhar e os repetidos ticos que agitavam a sua face esquerda, a grande satisfação que lhe traziam as difficuldades daquelle caso, tão propicio ás suas exhibições de preparo scientifico.

Ennumerando então as affecções que, pelo accometimento das supra-renaes, podem originar a syndrome de Addison, elle passou a contrastear cautelosamente as symptomatologias, buscando entre todas a que melhor se accomodasse ás perturbações apresentadas pelo doente. E porque durante a elucidação do diagnostico o instante lhe fosse favoravel, o mestre com gatimanhos alaembicados, o braço constantemente erguido, a mão em concha rasgando o ar num gesto convulsivo e muito seu, passou a divagar pela pathologia, embrechando as mais simples citações com arrevezados nomes de autores estrangeiros.

Sylvino, o olhar consultivo e ancioso, encolhido entre as cobertas do carro-leito, não perdia uma só daquellas palavras asperas e sentenciosas que em meio á linguagem obscura e inescrutavel, lhe ditavam condemnação. E' que o mestre se esquecia, nos surtos de seu entusiasmo, de que o tirocinio hospitalar dera azo ao pobre enfermo para se familiarizar com a terminologia medica

Voltando a discutir a violencia das crises dolorosas e o estado de cachexia rapida em que cahia o doente—rapaz até então forte e nada ha achadiço, o que não era para desprezar — o professor Rodrigues afastou as hypotheses da syphilis e da tuberculose, para assentar suas preferencias sobre uma neoplasia.

De facto, a concomitancia e marcha daquelles symptommas impelliam-n'o para a supposição muito convinavel de um tumor das supra-renaes, embora a percussão da região, como muitas vezes succedia nesses casos, nada revelasse até então. E

se quizesse levar mais adiante o seu diagnostico, investigando a natureza do tumor, elle estava quasi certo de não errar se pendesse as suas symptomathias para um sarcoma, esse terrivel neoplasma que se locupleta sobre os organismos moços. A fallencia da therapeutica, já que medicamento nenhum se mostrava capaz de tonificar os musculos do enfermo, era ainda um outro factor, de alta estima, em auxilio das suas ultimas asserções.

Desejoso de dar maior realce á lição, o professor Rodrigues passou a exhibir diante dos alumnos, algumas peças do seu laboratorio anatomopathologico. Para tal fim, bem proximo delle, sobre uma pequena mesa de tampo esmaltado, quatro ou cinco frascos de vidro grosso conservavam, mergulliados num liquido turvo e sanioso, orgãos e visceras de outros doentes que por ali já haviam passado, deixando bocados de si em pabulo á sciencia, Intromettendo o punho arremangado por um desses largos boccaes, o professor expoz ao olhar perspicuo dos presentes, uma das peças mais curiosas da sua collecção. Era a mão de um desgraçado que se finára por uma sarcomatose generalisada, e que tinha a sua palma esburgada até os ossos pelo mal roaz e proliferante. Cortada cerce pelo punho, a pobre mão parecia ainda reter, entre os dedos grossos e nodosos a se engripharem ameaçadoramente, todo o exaspero e dôr do ultimo estorcegão que a immobilizara.

Fugindo á horrida visão, Sylvino, já mal contendo as lagrimas que lhe vidravam os olhos, ladeou a face para uma janella aberta sobre a area ajardinada, e foi espaiencer a vista no azul do ceu longinquo, tecido naquella manhã numa musselina traslucida e inconsutil, pronunciativa do dia de gloria e belleza que andava a cantar lá por fora. Embebidas de sol, as ramas de um manacá em flor vaporavam na sala um perfume morno e elanguescente; e, a despeito do ar molesto, uma ou outra roseira mais teimosa estadeava o brilho das suas corollas entre a vegetação mofina dos canteiros.

Ao deparar aquella amostra de paisagem, Sylvino entrelembrou-se, numa rapida e saudosa visão interior, de alguns quadros de sua vida de outrora, quando, despreoccupado e feliz, gastava os dias na labuta da terra, em uma distante fazenda de Minas. Era tambem por um céu assim, quando o sol claro e dourado começava a esgarçar a nevoa que se condensara sobre as varzeas adormecidas, que elle partia todas as manhãs, enxada ao hombro e balaio ás costas, para o tra-

balho da lavoura, onde os seus dias decorriam celeres na capina das roças, replanta do café ou colheita de milho enlourecido. A' sua passagem por trilhos ermos e estreitos, mal rasgados no verde das pastagens ainda borrifadas de orvalho, bandos assustadiços de anús, num vôo lento e descompassado, partiam das toijas proximas para pousar no arvoredado mais distante; ou emão, de sobre a pedra em que se aquietára, fugia rapido para a sua lóca, por entre um reboiço de folhas seccas, o lagarto que se aquecia á luz. É nas horas do meio dia soalheiro, quando sob a atmosphera rutilante o calor ia mais forte, e os seus musculos já se enrijavam ao esforço da labutação exhaustiva. Compendando-lhe o monotono resoar da enxada sobre a terra dura e aspera, a copa vermelhaça dos mulungús em flor entrava a gorgear revestida de guaches em algaravia infrene; e da matta distante lhe vinham os echos da orchestração de jaós e inhambús, que no seu recesso humido e umbroso se revezavam num concerto ininterrupto. E tudo o que lhe era então motivo de tedio e insoffrido desejo de conhecer os multiplos encantamentos de uma grande cidade, desenhava-se agora no fundo da sua retina com os contornos avivados pala palheta magica da saudade.

Tiraram-n'o desse devanteio beatifico e doloroso as ultimas palavras do professor, fazendo o prognostico da sua molestia e advertindo os discipulos de que seria muito breve, pois que já eatava á passar da hora.

A molestia de Addison tinha geralmente uma marcha lenta e progressiva, durando de um a tres annos, e sendo a sua cura excepcionalissima. Embora sem grande frequencia, já se haviam observado alguns casos de desfechos subitos e rapidos, sem symptoma algum apparente, por um envenenamento super-agudo do organismo. O seu longo tirocinio clinico, com um bom acervo de observações, permittia-lhe dizer jamais ter visto caso algum de cura.

A morte quasi sempre se verificava pelo pro-

gressivo evoluir da cachexia addisoniana. Este prognostico, já de si tão sombrio, mais se adensava ainda, por maior brevidade na molestia, nos casos em que a syndrome corria por conta de uma neoplasia das supra-renaes, como naquelle sobre o qual versava a licção.

— Como vêdes, meus caros discipulos — disse o professor Rodrigues para terminar — caso mais bello e completo da molestia de Addison, difficilmente se teria encontrado do que este que apresenta o nosso doente, e eu estou bem certo de que, se cada um de vós o examinar demorada e pacientemente guardareis uma indelevel lembrança do que seja essa curiosissima syndrome.

Uma clangorosa salva de palmas estrondeou nas archibancadas, apagando as ultimas palavras do mestre, enquanto começava entre os estudantes um fallario de entusiasticos commentarios á magistral licção que acabavam de ouvir.

De volta á enfermaria, dois padioleiros, com gestos rapidos e precisos, de quem os executa muitas vezes, baldearam o corpo iieve de Sylvino para a cama, a mesma cama que já lhe começava a desgastar os quadrís, abrindo-os em feridas. Sylvino vinha ainda mais derreado e succumbido, depois daquella aula em que nem uma palavra acariciativa ou tranquillizadora lhe fôra dirigida, o professor, ao contrario, não escondendo as mais brutas verdades sobre o seu estado. E na lembrança de tudo o que ouvira, presentindo a morte proxima, uma sensação de vacuidade e estonteamento aturdiu-lhe o cerebro, e no seu coração pequeno e descompassado, esfervilhava a inquietação presagiosa.

Alheios da sua dôr, ainda no rosto a alegria que lhes dera a bella licção, assistentes e discipulos regressavam tambem ao serviço, repartindo-se por entre os leitos numa ultima olhadella aos doentes, seguida de recommendações ao enfermeiro novato:

— Não se esquecesse de guardar os escarros do n. 7; tomassé de quatro em quatro horas e temperatura do 18...

GASTON CRULS.

(Conclue no proximo numero).



SUPPLEMENTO



Um novellista brasileiro do século XVIII.

Nos zómeços da éra quinhentista, Gil Vicente fundára o theatro em Portugal, fundando-o também na Europa. Mas a semente que não germinou no paiz, produziu fóra a mais bella floração. Lope de Vega e Calderon se inspiram nos autos vicentinos e, por sua vez, passam a inspirar Molière. Só em Portugal não tem continuadores o grande mestre, que precedeu a hespanhoes, francezes e inglezes.

Decorridos quasi dois seculos, porém, apparece Antonio José da Silva. As suas peças, então chamadas «operas», se representam com grande successo. «As Guerras do Alecrim e da Mangerona», o «Amphytrião», «Eso-paida», «D. Quixote», têm qualidades raras a par de não raros defeitos.

Quem foi Antonio José?

Antonio José, o Judeu, nasceu no Rio de Janeiro, filho de paes hebreus emigrados para o Brasil. Cresceu em Portugal, onde estudou e obteve os mais ruidosos triumphos. Conheceu as auras da popularidade e soffreu as agruras da perseguição, e do carcere e, por fim, o supplicio e a morte. Em 1739 foi queimado nas fogueiras da Inquisição.

Escreveu para o povo. Como Aristophanes e o proprio Gil Vicente, não escolhe termos, nem recua ante situações. A linguagem é por vezes desbragada, mas, sob o artificioso da forma theatral, tem a virtude da espontaneidade, da viveza e da graça.

Ao notavel theatrista que foi Antonio José attribue-se também a auctoria de uma novella:

«Obras do diabinho da mão furada para espelho de seus enganos e desenganos de seus arbitrios, palestra moral e profana, donde o curioso aprende para a doutrina dictames e para o passatempo recreios».

A auctoria da novella tem sido muito discutida. Araujo Porto Alegre, Sacramento Blake, João Ribeiro, Machado de Assis estudaram a questão e, mais recentemente, no *Jornal*, do Rio, Fidelino de Figueiredo, parecendo certa a auctoria do Judeu.

Em resumo, a narrativa é a seguinte:

«Um pobre soldado da milicia de Flandres, no tempo de Felippe II, abandonando a incerteza da guerra se dirigia a Lisboa, «patria commum de estrangeiros, madrasta de naturaes e protectora de venturosos». No termo de Evora, depara-se-lhe o diabinho da mão furada, assim chamado por ser grande dispensador de beneficios aos seus adeptos. Após um espirituoso dialogo, o diabinho institue-se espontaneamente em seu amigo e protector, e juntos seguem viagem, o diabolico guia forcejando por tentar com enganosos delictes ao pobre soldado, este defendendo-se com firmeza.»

No segundo «folego» apparece o Inferno com suas visões dantescas.

No terceiro «folego» defende-se de uma «illustre fregona» que o tenta.

Em um dos episodios o sol-

dado, que se chama André Peralta, entra no palacio da Cobica, onde pompeiam a Mentira, a Soberba e a Ignorancia e, enclausurada, nua e desacreditada, vive a Verdade.

André Peralta, segundo o regimen infernal, não deveria sair mais desse palacio, mas despertando para sair o proprio Diabinho da mão furada o auxilia a infringir a vontade da soberana moradora, porque, «seu officio era só tentar e persuadir aos vicios»; mas que não podia forçar o livre alvedrio para elles; que o soberano Autor da natureza o não permittia, e que assim não podia Lucifer por isso castigar-o, porque fazia rectamente justiça a seus direitos vassallos.

Porfim, Peralta consegue libertar-se do diabinho amigo, entrando para o convento de S. Francisco de Xabregas «com grande edificação, gosto e alegria».

São só «Diabinho da mão furada» os seguintes interessantissimos versos:

Acuda vossa Diabrura,
 Poderoso Lucifer,
 Que se levanta o mundo
 Com a jurdição que tem.
 Todos nelle são Diabos
 Tão exhorbitantes que
 Podemos nós outros delles
 Diabruras aprender.
 O odio que aos homens temos
 Extranhavel e cruel
 Iguala, se não excede,
 O que uns aos outros têm.

MONTEIRO LOBATO

Os Negros

N. 2 DA NOVELLA NACIONAL

PEDIDOS Á

Preço 1\$000

Sociedade Editora Olegario Ribeiro

A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores

EUCLYDES da CUNHA

(Exceptos de um discurso)

Euclides da Cunha chegara, havia pouco, do Rio de Janeiro, sahido das fileiras do Exército, quando o conheci em S. Paulo. Casara-se e tinha vindo fazer vida nova, laborioso, na terra dos Andradas. Uma vulgaríssima transacção imposta pela necessidade de se elle installar, nos aproximou.

Foi isto ali por 1892, se bem me recorde; mas Euclides, nomeado engenheiro das obras publicas do Estado, na sua fama de construir pontes e estradas e a viajar pelo interior, raro então me apparecia.

De volta dos seus trabalhos de campo, trazia um ar de tedio a trahir-lhe uma repugnancia invencível. Não que a vida activa de engenheiro lhe pesasse; mas porque não encontrava na função, como exercida, a superior elevação, capaz de o libertar da pasmaiceira de uma technica que lhe parecia duvidosa.

Maior ainda era o seu nójo pelas cousas publicas, consideradas no terreno da politica indigena. Não as queria commentadas por mais em fóco que se lhe deparassem ellas na tela da vida nacional. A republica, que elle sonhara e pela qual até sacrificios fizera, não a reconhecia elle nesse arremêdo de instituição politica, que então era o governo do Brasil, tão ao avêso dos seus ideaes de mocidade ardorosa, intransigente. Abaixava então a vista para não ver a miseria a que chegara a ruina dos seus ideaes desvanecidos.

O seu positivismo ou materialismo, já um tanto esmaecido, não collidia com o meu espiritualismo, por elle polidamente respeitado. Havia tanta cousa em que conversar que não fosse politica ou philosophia em que militavamos em campos oppostos! Tratavamos então dos livros novos, dos que faziam epoca e logravam interessar-nos, a ambos. Euclides lia, porem, com muito particular attenção a Herculano e a Camillo Castello Branco nas suas obras de polemica litteraria. Vi-o muitas vezes a folhear os escriptos de ambos, mas principalmente os escriptos de combate, onde a paixão não raro arrebatava, e a critica, posto que sincera, chega a ser cruel e terrivel. O vocabulario, ali mais espontaneo e energico, seduzia sobremaneira ao escriptor « in fieri » dada a sua predilecção accentuada pelo phrasear energico, expressivo, quente, mais de accordo com a sua maneira de sentir.

Mas o Euclides, na sua vida de engenheiro errante pelas regiões do Oeste paulista, me desappareioa por longo tempo. Era uma raridade quando me surgia de improviso em casa a contar-me a sua odyssea e a maldizer o seu tedio que já se prolongava por muito tempo.

Uma vez tornou-me mais de pressa do interior, e vinha mais animado. Era outro e tinha como que um vago presentimento de que o seu destino

ia mudar. Aquella pasmaiceira de tantos annos ia ter o seu fim.

Foi quando se ateou a guerra de Canudos no intimo dos sertões bahianos, em 1896, após o insuccesso de duas successivas expedições mandadas contra os jagunços fanatizados de Antonio Conselheiro.

Crescera no paiz a fama dos atrevidos sertanejos, forçando a retirada de forças regulares federaes ao mando do Coronel Febronio de Brito, ha pouco fallecido.

A fama tinha dado proporções exageradas ao successo; mas subira de ponto a estupefacção popular quando se espalhou por todo o paiz a noticia do desastre completo da expedição Moreira Cezar, a terceira que a jagunçada tinha repellido e esta agora com a perda de vida do proprio chefe da expedição e de boa parte de sua officialidade.

Grandissimo foi o abalo na opinião publica nacional. Os republicanos julgavam-se mais uma vez trahidos pelo adhesismo monarchico, victimas elles da sua boa fé e de sua moderação para com os adeptos do decahido regimen. Era o « sebastianismo » impenitente, diziam, que armava essa trahição de Canudos, onde, se suppunha, estavam refugiados ex-marinheiros dos da revolta do Almirante Custodio José de Mello, capitaneados por habéis officiaes europeus contratados. Era a monarchia que levantava o collo no sertão, apunhalando traiçoeiramente, pelas costas, a republica.

O Visconde de Ouro Preto, si então escapou com vida á furia da multidão ignara e incontenta, viu entretanto tombar ao seu lado, victima de scelerados energumenos, o seu amigo, o coronel Gentil de Castro, apontado como dos principaes responsaveis pela revolta sertaneja.

Castro tombara innocente, como innocente estava o monarchismo accusado. Mas a turba dos exaltados queria culpados em que cevar o seu desejo de sangue, e o « sebastianismo » impenitente, só elle, é que lh'o podia fornecer.

Canudos, diziam, é por certo uma machinação de monarchistas; é a restauração que faz volta pelas catingas e cae agora de improviso sobre a republica.

Euclides chegou um instante a acreditar nisto e ainda nutria duvidas muito serias quando me veio annunciar que partia e trazer-me as suas despedidas. E partiu como correspondente do "O Estado de S. Paulo", a seguir de perto a columna expedicionaria do comando do General Arthur Oscar.

Levou-me algumas notas das que eu lhe offeroci sobre as terras do sertão que eu viajara antes d'elle, em 1878. Pediu-me copia de um meu mappa ainda inedito, na parte referente a Canudos e valle superior do Vasa Barris, trecho de sertão ainda muito desconhecido, e eu lh'a forueci como forneci ao governo de S. Paulo que della tirou mais de um exemplar, remettido para o Rio, ao Ministerio da Guerra.

Quando, porém, por entre fogo e sangue aquelle lugubre episodio terminou; vencida, mas não rendida, a pertinacia do jagunço fanatizado, e Euclides, convencido e tambem desiludido, tornou ao seio da familia, a alma do patriota agora é que se re-

voltava, coração confrangido, o animo a explodir contra a vilania de quem não soube vencer sem manchar, contra a miopia d'aquelles que não souberam ver, para além do jagunço fanatico, a alma do brasileiro do sertão capaz dos mais sublimes rasgos de heroismo.

Euclides resolveu então escrever as suas impressões daquella tragedia lugubre; era um como que protesto intimo contra aquelle criminoso exterminio que nem a mulheres e crianças tinha poupado. O « Sertões » que elle então escreveu, teve esse fundamento de protesto do seu espirito de patriota revoltado.

Contava-nos contristado os episodios horribéis da catinga conflagrada. Repugnava-lhe aquella reacção da legalidade que não lhe pareceu na altura da nossa força militar, como não agiu consoante á cultura que, como um povo civilisado e christão, representavamos. Não accusava a individuos; reprovava, porém, a acção descabida, erronea, incontenta dos responsaveis. Não escreveu para accusar, mas para reprovar. Dahi o seu emudecer diante das miserias de que foi testemunha; dahi o não carregar as cores, antes até esse esmaecer de tintas no quadro da realidade amarga, onde se lhe percebe, entre o silencio por compostura e o estrugir num protesto de indignação, a tortura de sua alma de patriota.

Foi nesse estado d'alma que escreveu os « Sertões ». O escriptor masculino, que se ia elle revelar, vinha plenas das mais desencontradas impressões. As scenas daquellas terras, devastadas pelas secas periodicas e pela colera insana dos homeus, revelavam-se-lhe, de um imprevisito inimaginavel e elle como que se sentia com forças para fixal-as na tela de uma obra imperecível. Parecia-lhe isso uma reparação, uma divida a pagar á memoria daquella gente obscura que soube morrer por um ideal, fosse embora um ideal obscuro tambem, mas gente mascula que á rendição humilhante preferiu a morte, ainda que fosse a morte n'um brasileiro ao fundo de um fosso, com tão maior heroismo quanto o não fora outr'ora o dos defensores da abrasada Sagunto.

Euclides começou a escrever.

A principio trazia-me aos domingos os primeiros capitulos, os referentes á natureza physica dos sertões, geologia, aspecto, relevo, e m'os lia naquella sua calligraphia minuscula que era como a minha tambem. A leitura fazia-se pausada a meu pedido, porque tinha eu a sensação de com ella estar a trilhar vereda nova, cheia de novidades. Não havia, porém, no novel escriptor o abuso da adjectivação, tão commum aos novos. A phrase sabia-lhe perfeita, moldando-lhe com exactidão e nitidez as ideaes. Uma propensão comtudo se lhe notava e era a do emprego de termos desusados a que eu, a gracejar, chamava « calhaus » no meio de uma corrente harmoniosa — que de resto era a sua boa linguagem.

— Por velho ou esquecido, contestava-me, não perdeu para mim a força de expressão que eu procuro no vocabulo. Que me importa, a mim, que o leitor esteja na leitura correto, si a impressão que lhe dou com esse termo esquecido é a mais verdadeira, a mais nitida, e, em verdade, a unica que eu lhe queiria dar?!

A nitidez da expressãa era o seu cunho, o seu empenho maior. Cataba termos expressivos até na gíria popular; saboreava o phrasear do sertanejo, por achal-o mais espontaneo e verdadeiro; avido colhia-os todos, como a diamantes na cata o garimpeiro.

Conversamos uma vez a proposito do estouro da boiada e dos costumes do vaqueiro da catinga, quando me occorreu citar-lhe um bilhete de sertanejo cujo theor, como se vae ver, me deram por authentico de um vaqueiro dos Inhamuns:

"Illustrissimo Senhor men amo.

"Participo-lhe que a sua boiada metten-se em despotismo. Um boi no deixar o curral entregou o couro ás varas. O resto . . . o resto trovejou naquelle mundão."

— Falar assim é que é falar com a natreza, atalhou-me enoantado o Euclides. Não conheço deveras povo, como o nosso do sertão, que por palavras dê mais realce ao seu sentir, tenha mais energia no dizer.

Uma boiada que "se mettetu em despotismo", commentavamos então, é em verdade a revolta, a convulsão da bovina caterva, mugindo, arremettendo, arrombando porteiras e levando tudo adiante de si. "Metter-se em despotismo" quer dizer tudo isso n'uma phrase synthetica muito verdadeira ao sabor da gente simples do sertão. "Um boi que entrega o couro ás varas" é a victima do incontinido tropel sobre cujo cadaver passou a avalanche da manada e de que o provido boiadeiro tirou o couro, espichando-o por meio de varas a secar no oitão da casa da fazenda. "Trovejar naquelle mundão . . ." exprime de modo incomparavel o que é o horizonte da catinga quando, como um furacão, o sacóde o arranco da boiada por entre nuvens de pó. O chão treme. O ruido da ramalhada partida e levada a peitos estruge como um trovão ao longe, numa tempestade em que aos Euros se substituem bisões furibundos como que tangidos por demonios invisiveis.

Euclides repetia essas phrases como que a pezar-lhes as imagens, a aurilhes na onomatopéa significativa a sensação real que lhe produziam.

Outro homem na peuna que não na ordinaria conversação era o Euclides. Raro na palestra se animava. Não era verboso, nem alacre, nem causticante no discretear ordinario. Preferia pensar, refletir, ouvir antes que dizer, o que trahia natural propensão mais para colher do que para dispartir as joias do seu espirito.

A' meza o Euclides era um tortu-

redo a quem as ignarias faziam mais mêdo do que as carabinas da jagunçada revolta na oatinga. Comer fosse o que fosse era-lhe um tormento, por mais innocente que lhe parecesse a ignaria e isso notei-lhe sempre, antes como depois da sua visita a Canudos.

Não tinha prazer á meza onde se assentava, de ordinario, conviva taciturno e desconfiado e neste estado de espirito tudo lhe servia de excusa aos obsequios e offerecimentos.

— Que é que se ha de offerecer ao Euclides? Era a pergunta da dona da casa toda vez que se aguardava a visita do auctor dos «Sertões». E o

Euclides, a bem dizer, só se considerava tranquillo á mesa, quando nada via de especial a se lhe offerecer.

Mordicava, não oomia, e ainda assim se enchia de receios. Não sei se mais tarde essa inapetencia nervosa se lhe dissipou. O que posso dizer é que o auctor dos «Sertões», do «A' margem da Historia», do «Fervur sus Bolivia», de tantos outros escriptos fulgurantes que o sagraram o mais potente dos escriptores, interpretes da natureza brasilica, era um doente, talvez imaginario, mas de facto um doente.

THEODORO SAMPAIO

Os nossos poetas

O primeiro soneto de BILAC.

Qual teria sido o primeiro soneto de Bilac?

Não ha quem, conhecendo «Ouvir estrelas» e toda a constellação maravilhosa da «Via lactea», não haja perguntado a si mesmo qual fóra a estreia do Poeta. Para chegar á sublimidade de tantas obras-primas, de que altura levantaria vôo?

Podemos dar aqui aos leitores, com todo o sabor das primicias, que apazar dos tempos não perdeu, o primeiro soneto publicado com a assignatura de Olavo Bilac. Não é um primor, digno de figurar ao lado de sua obra

definitiva, mas respira sentimento e poesia, uas suas grandes phrases redondas e sonoras, prenunciando o exoelso vate, que, logo, apparecia.

MANHÃ DE MAIO foi publicado a 19 de Setembro de 1883, na «Gazeta Academica», quando Bilac, residente no Rio, em casa de seus paes, no Engenho Novo, frequentava as aulas, que abandonou depois, da Faculdade de Medicina.

No anno seguinte, já triumphava o Poeta.

MANHÃ DE MAIO

Já fóra a natureza alegre e verdejante
Expande-se ao calor do sol da primavera . . .
Gorgeia a patativa um canto inebriante
E como que sorri, contente, o azul da esphera.

Parece que a campina esplendida e brilhante,
Em vestir-se de rosa e de jasmim se esméra
Como a noiva gentil que, tremula e hesitante,
Com cuidado se veste e o lindo noivo ospera.

E emquanto em frente a mim duas pombinhas mansas,
Mais brancas do que a alma ingenua das orianças,
Conversam sobre amor, beijando-se em delirio,

Eu penso em ti, compondo esta canção florida
Que quizera enviar-te, ó minha flor querida,
Escripta a tinta azul, nas petalas de um lyrio . . .

ACABA DE APPARECER

FIGURÕES

VISTOS POR DENTRO

ESTUDO DE PSYCHOLOGIA SOCIAL BRASILEIRA

POR SIMÃO DE MANTUA

Preço 4\$000

MONTEIRO LOBATO & C. EDITORES - RUA BOA VISTA, 52 - S. PAULO

Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) 1\$000
Um soneto de Bilac (critica) 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) No prélo

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) No prélo

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commerciantes 8\$000

Estudos de Direito Commercial 10\$000

A Hypotheca Naval no Brasil 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commerciantes precisa saber
(10.º milheiro) 2\$000

Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos
(2.a edição, 8.º milheiro) 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i>	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i>	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i>	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i>	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i>	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i>		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i>	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i>	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i>	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i>	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i>	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i>	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i>	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i>	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i>	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possivel. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$ centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

A Pulseira de Ferro por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "E' no genero uma verdadeira obra prima," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

Os Negros por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

Ritinha por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

Mula sem cabeça por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.



A seguir novellas de :

Coelho Netto,

Afranio Peixoto,

Waldomiro Silveira

Cornelio Pires e outros.

Cada volume. 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

**Sociedade Editora
Olegario Ribeiro**

Rua Dr. Abranches N. 43

Caixa, 1172 - SAO PAULO

OS NEGROS

21



— Lá, foges, aconselhou-me um etc.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).